Intervenção sobre o Faial

2004/05/12 – José Decq Mota

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhor Presidente e Senhores Membros do Governo

A Ilha do Faial, pela sua dimensão geográfica e humana tem muitas vezes dificuldades objectivas no que toca ao seu processo de desenvolvimento, sendo, por isso naturalmente vulnerável. Não obstante isso a ilha do Faial, ao longo da sua História, foi sabendo encontrar as soluções e os caminhos que levaram ao aproveitamento das suas próprias potencialidades.

Fácil é entretanto verificar que há ao longo do tempo nesta ilha como nas restantes, uma directa correlação entre a governação que se realiza e a capacidade de resposta que se mostra ou não.

Deste ponto de vista a ilha do Faial está a passar por um período da sua História que não é invejável.

De há catorze anos para cá o Município da Horta é governado pelo Partido Socialista que detém a maioria absoluta na Câmara.

De há sete anos e meio para cá a governação regional está a cargo do PS.

É no âmbito deste quadro que venho hoje a esta tribuna, para, de forma livre, directa e objectiva, comentar as declarações sobre o Faial que foram feitas pelo Grupo Parlamentar do PS em Conferência de Imprensa realizada a 27 de Abril no termo das Jornadas Parlamentares nessa ocasião realizadas.

O Senhor Deputado Francisco de Sousa, Presidente do Grupo Parlamentar e o Senhor Deputado Renato Leal, eleito pelo círculo do Faial esforçaram-se, tal como vem relatado na imprensa, por dar a ideia que o Governo PS foi muito bom para o Faial mas que os Faialenses, por serem muito maus, não souberam aproveitar.

E é exactamente aqui que começam os problemas. Quando uma entidade pública com responsabilidades de governo se situa num plano de superioridade essa atitude assume desde logo a natureza de arrogância política.

Como pode um Presidente do Grupo Parlamentar do PS, que conhece as enormes restrições e reduções feitas sistematicamente ao Faial nos Planos de Investimento, desde 1997, dizer que o Governo PS cumpriu?

Como pode um deputado eleito por esta ilha, que foi Presidente da Câmara 11 anos, que assumiu a responsabilidade de abdicar do PROCOM em 98, que nunca cultivou uma estratégia de desenvolvimento local, que optou sempre pelo mais primário imediatismo, que deu sempre prioridade aos subsídios e a ajudas directas, geradores de apoios políticos circunstanciais, vir atribuir à sociedade as responsabilidades por aquilo que nunca procurou atingir?

Como podem dois deputados e dirigentes de um partido que governa esta ilha em termos municipais há 14 anos e que exerce o poder regional há sete anos e meio, pretender atribuir aos faialenses as responsabilidades pelas más orientações, profundos atrasos no investimento, má qualidade de muito do

investimento feito, ausência de opções políticas de fundo, predominância de estilos de governação mesquinhos, de grupo, de preferências e tudo o mais?

Como podem estes dois senhores deputados, um eleito por esta ilha, outro conhecedor profundo da verdade das coisas, esquecer que só a teimosia dos faialenses fez com que o processo de construção da nova fábrica da CALF fosse avante, que fosse evitada uma estúpida fusão de escolas, que fosse construída a bacia sul da marina, que se iniciasse o desbloqueamento do processo do DOP?

Como podem estes dois senhores deputados do poder, conhecedores directos e ao pormenor da falta de sensibilidade que reinou e reina no CPR, da incapacidade visível e que todos os dias se sente da actual Câmara Municipal, do estilo de vários pesos e várias medidas que reina no poder que exercem no Faial, virem dizer aos faialenses, que o poder "é o melhor" e que nós faialenses somos uma espécie de "filhos pródigos dos Açores"?

Há matérias e há momentos em que não há nada que justifique o silêncio. Esta matéria é uma delas e este momento é um deles.

A verdade é que o Partido Socialista, com o seu Governo, com os seus deputados, com as suas maiorias na Câmara tem uma incomensurável responsabilidade nesta situação, no que toca ao Faial.

O PSD/Açores iniciou em 1976 um claro processo de marginalização do Faial e de retirada de importância relativa à cidade da Horta. Foi um processo visível, que não pode ser negado, que foi contrariado pela sociedade, mas que deixou sérias marcas. O PS depois de 1996, acentuou, de forma absolutamente total esse processo e agravou-o porque nunca quis nem soube exercer bem, com rigor, com eficácia e com competência o poder municipal que detém desde 1990.

Os dirigentes locais faialenses do PS perderam totalmente peso na estrutura política regional do seu partido. Nunca quiseram pôr o Faial primeiro. Puseram sempre à frente a sua fortíssima vontade de "ser do poder".

É por tudo isso que não podia deixar de causar muita indignação a conferência de imprensa de 27 de Abril de 2004. É por tudo isto que, apesar de tudo, causou algum espanto, embora já nada tenha grande possibilidade de nos espantar.

Senhor Presidente

Senhores Deputados

Senhor Presidente e Senhores Membros do Governo

Como deputado eleito por esta ilha não podia nem queria deixar de comentar este episódio.

A diversidade que marca os Açores, as aptidões que todas e que cada uma das suas ilhas têm, exige uma capacidade governativa que procure gerar complementaridades, mas que respeite as características de cada ilha; que queira e saiba dividir o investimento de forma equilibrada; que saiba detectar e aproveitar as potencialidades existentes em todas as parcelas da Região.

A diversidade que marca os Açores não pode admitir juízos depreciativos tanto mais sérios quanto são estabelecidos com referência à própria actividade governativa.

A diversidade que marca a Região exige que as forças políticas em geral e as forças do poder em especial tenham a estrita obrigação de agir como elementos aglutinadores e geradores de uma unidade geral e não como elementos desagregadores.

A ilha do Faial, com as suas dificuldades e com as suas potencialidades saberá enfrentar a situação que hoje tem e que foi, no essencial, gerada por má governação.

Vamos sair dela pela nossa mão e pela nossa vontade. Vamos sair dela, não pelo regresso a passados conhecidos e que querem desesperadamente reafirmar-se, mas contribuindo para que ninguém continue a ter poderes absolutos.

No plano regional o Faial tem que ser representado por quem o defenda, sem tibiezas.

No plano municipal o Faial, na próxima altura própria, tem que eleger quem o queira desenvolver, com competência.

Aqueles que transferem as suas culpas para os faialenses não podem continuar a ter a posição dominante que nos tem asfixiado.

Uma única culpa poderão ter os faialenses: a de terem confiado maioritariamente por tantos anos naqueles que agora tão injusta e ingratamente os acusam.

Disse.

Muito obrigado.